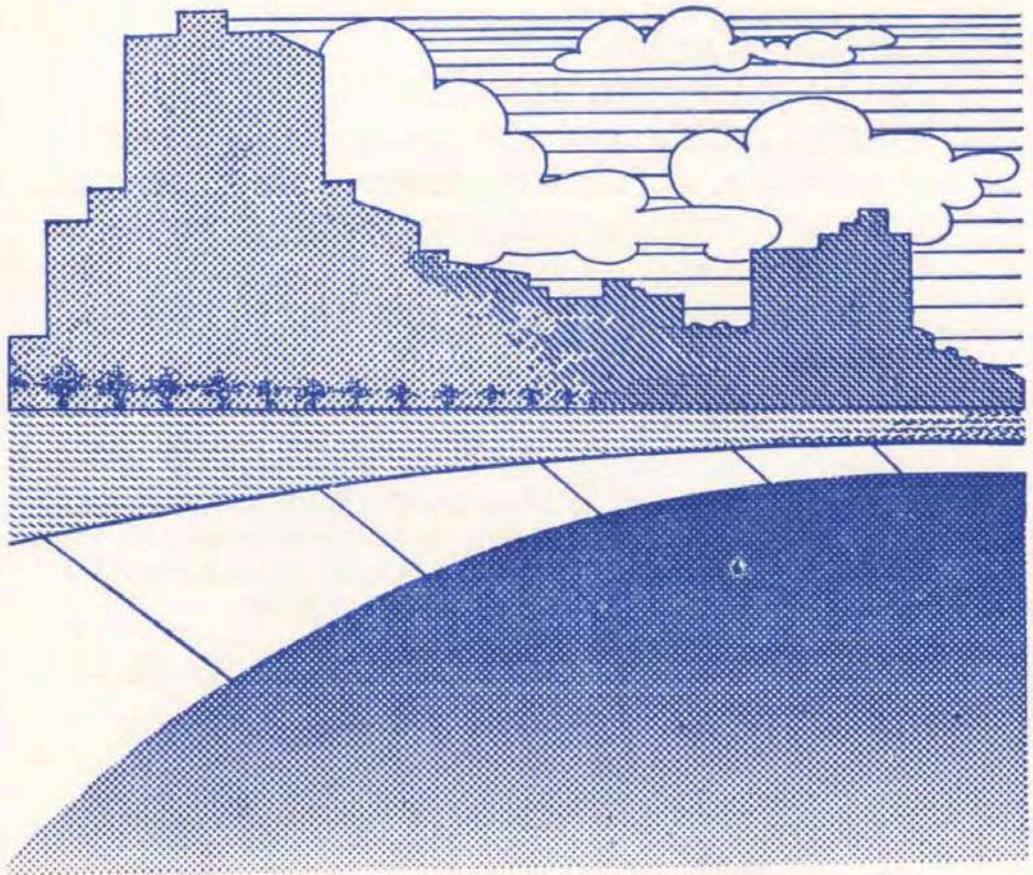


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI |

Junho de 1985

| Nº 6

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Junho de 1985

Nº 6

SUMÁRIO

Página

As obras do prédio da Fundação "Casa Dr. Blumenau" estão chegando à cobertura	154
A colonização e a construção de estradas	156
"Neue Deutsche Schule" (Escola Nova Alemã)	158
Subsídios Históricos	160
Dias Históricos da Revolução de 1930 ..	162
Autores Catarinenses	165
Subsídios à Crônica de Blumenau	167
"Yara", uma ópera joinvillense	172
O Grande Pioneiro	178
Écos da construção da antiga ferrovia Blumenau-Rio do Sul	179
Aconteceu - Maio de 1985	181
Blumenau	183

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

As obras do prédio da Fundação "Casa Dr. Blumenau" estão chegando à cobertura

Graças ao apoio decidido de numerosas empresas blumenauenses ou das que aqui se instalaram há anos e aqui estão integradas à comunidade blumenauense, além da prefeitura municipal, as obras de construção do prédio da Fundação "Casa Dr. Blumenau", destinadas a acolher, livre de ameaças de futuras enchentes, a Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e o Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva", estão chegando, neste mês de junho, aos trabalhos de alevantamento do madeirame da cumieira.

Para muitas pessoas que transitam pela Alameda Duque de Caxias, isto até parece um milagre. E foi mesmo e ainda está sendo o milagre da união de esforços, de fraternidade e apoio a uma obra que não é nossa. Trata-se de uma obra destinada totalmente a favorecer a comunidade em geral, no campo da cultura e da história. Portanto, uma obra para as gerações atuais e do futuro.

É que cada um dos diretores das empresas que estão aderindo na colaboração e as que, se Deus quiser ainda haverão de aderir no auxílio para que os trabalhos não parem por falta de verba, possuem filhos e possuirão, se ainda não possuem, netos e bisnetos que haverão de agradecer por este apoio, porque hão de beneficiar-se sobremaneira ao usufruir dos acervos que estarão à sua disposição em ambiente mais favorável às suas pesquisas, quando o novo prédio abrigar estes mesmos acervos, o que deverá acontecer a partir do ano que vem.

Estamos nos dirigindo a muitas empresas comerciais e industriais. Até aqui já temos a adesão de: Albany International Ind. e Com.; Cremer S/A., Sul Fabril S/A., Artex S/A., Fund. "Teófilo Zadrozny", Banco do Est. de Santa Catarina (BESC), BANESPA, Cia. Têxtil Karsten, Buschle & Lepper S/A., Tip. e Livraria Blumenauense S/A., Tecelagem Kuehnrich S/A., Cia. de Cigarros Souza Cruz, Tabacos Brasileiros Ltda. e Prefeitura Municipal de Blumenau.

Para conhecimento dos nossos leitores e dos que conosco participam desta empreitada, vamos publicar a seguir um pequeno balanço do que recebemos e do que pagamos até a data de 24 de junho, o que comprova que a grande maioria dos recursos até aqui tem sido proveniente das empresas particulares, ou seja, dos vários segmentos da comunidade representada tão generosamente na participação de tais empresas, sem o que não teríamos nem iniciado as obras. Eis o relatório:

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

A colonização e a construção de estradas

Um comentário de Erwin Scheefer, publicado no Jornal do Povo
"Die Volkszeitung"

Quarta-feira, 17 de dezembro de 1930.

Dois conceitos invariavelmente ligados entre si e que infelizmente aqui são colocados e executados ao inverso, compreendem a colonização e a construção de estradas. Nos Estados Unidos se segue a seqüência exata e certa, primeiro se constrói estradas (mesmo ferrovias) por regiões que posteriormente são colonizadas.

Aqui geralmente rastejavam primeiro os filhos dos colonos por picadas a procura da terra que lhes fora destinada ou por eles escolhida. Depois da primeira derrubada, construída uma habitação primitiva, ampliava-se esta picada para possibilitar a mudança e instalação definitiva na colônia. Mais tarde, procurava-se transformar esta picada numa estrada precária com a ajuda de todos os moradores da "Tiefe".

Como para este trabalho existia mais boa vontade do que conhecimentos dos colonos e como principiantes pouca vontade mostravam na remoção de grandes massas de terra. Hoje ainda nos surpreendemos, ao viajar pelo interior com as subidas muito íngremes e que ao entendido tornaram-se incompreensíveis, pois podiam ser mudadas facilmente.

O governo igualmente construiu algumas estradas importantes (para melhor dizer, caminhos, pois sob estrada o conhecedor entende outra coisa). Mas infelizmente nestas construções a economia era um mandamento. Soma-se a este, que a maioria dos empreiteiros visavam na construção destas estradas apenas o "bom negócio" para si e para os "padrinhos" que conseguiram o "negócio" tão proveitoso.

A Sociedade Hanseática, que começou o sistema de bom senso, construir primeiro estradas para depois colonizar, deixou infelizmente também imperar o mandamento da economia, construindo os caminhos muito estreitos. Como agora estes foram bem traçados, com o tempo podem ser alargados. Uma excessão à regra foi a picada feita pelo falecido agrimensor Krohberger, para Pouso Redondo e Pombinhas, que foi tão bem feita que durante a gestão de Paulo Zimmerman o empreiteiro Paul Cordeiro a comprou, pagando 700 réis por metro para transformá-la em estrada, onde hoje ainda trafegam carros sem dificuldades. O falecido governador Dr. Hercílio Luz pensou num grandioso sistema de colonização, para o qual se comprometeu com construções de estradas, entregando aos empreiteiros grandes complexos de terras em pagamento, mas com a condição de colonizar estas áreas num espaço de 15 anos. Assim por exemplo, o Sindicato Agrícola construiu uma estrada impecável para beneficiar a Serra Lageana e colonizou uma grande área no Vale do Trombudo. Tam-

bém no "Westarm" (Braço Este) foi construído uma, bem menos satisfatória e também mediante concessão de terras.

Duas boas estradas construiu por este sistema o senhor Luiz Bértoli em Mosquito e Capivari (Benedito).

Decepcionados realmente ficaram os habitantes do Rio do Cedro, onde a Empresa Bona & Cia. por intermédio de políticos e industriais influentes, soube se apoderar de um contrato de construção de uma estrada de ligação pelo Vale dos Cedros para os municípios de São Bento e Maíra. Isto foi em 1919. Hoje escrevemos 1930, mas o transporte para a Serra ainda continua sendo feito através da picada aberta por mulas e cavalos, a mesma que foi aberta em 1906 pelo governo. Bem que os senhores Bona e Longo construíram na Serra uma estrada de 5 km que também seria transitável se o chão não tivesse cedido em muitos lugares e em outros obstruída por quedas de barreiras.

Na Serra vários colonos construíram 7 km de estrada, mediante a promessa de terras pela Empresa. Em continuação a mesma construiu mais 8 km. Em total 20 km de estrada em 11 anos, mas a distância total é de 40 km. Assim para o término da estrada teremos que esperar mais 11 anos, caso o governo não tome medidas enérgicas, obrigando a Empresa a conclusão da estrada ou entregá-la para outras pessoas. A desculpa da Empresa é que a intervenção para o licenciamento custou cerca de 200 contos. Provavelmente o novo governo não aceitará esta vaga desculpa, mesmo que esteja preto no branco. Em outros lugares esta mesma Empresa já construiu outras estradas para as quais também já recebeu a concessão de cerca de 50.000 hectares de terra. Também recebeu vantajosa soma em apólices e terras hipotecadas. Mas tudo isto pouco interessa a nós moradores do Cedro; o que queremos e desejamos é que o governo providencie a conclusão da nossa estrada que permita uma comunicação de Blumenau com São Bento, Maíra e nos abra o Planalto Serrano o único que nosso município possui, pois na Serra, Blumenau tem cerca de 20.000 hectares de terra que ainda prestam para a colonização. Clima excelente para o plantio de frutas européias e trigo. Logo que a estrada estiver concluída, sem dúvida muitos colonos irão para esta área a procura de uma região mais fria como Ferdizes e resto do Contestado, onde a colonização é favorecida pela ferrovia. Portanto construam estradas, para que nossa futura geração de colonos permaneça no município!

Ass. Erwin Scheeffler".

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

“NEUE DEUTSCHE SCHULE” (Escola Nova Alemã)

(Conjunto Educacional Pedro II)

Edith Kormann

Retificação

Na primeira página do texto sobre a “Neue Deutsche Schule” escrevemos que “...Posteriormente o Doutor Blumenau doou de sua propriedade particular, no dia 12 de julho de 1891, uma vasta área de terras desde o Bom Retiro até a Alameda, onde foi construído um prédio adequado e sólido de dois andares (onde se localiza a IV UCRE), impondo a condição de que a escola funcionasse sem confissão religiosa.” (informações fornecidas por terceiros).

Após pesquisas realizadas diretamente nas fontes (Blumenauer Zeitung, “Der Urwaldsbote”, Documentos e Relatórios da “Neue Deutsche Schule”) do Arquivo Histórico Municipal de Blumenau, concluímos que “...Posteriormente o Doutor Blumenau, já residente na Alemanha, doou através do seu procurador Henrique Probst, à Sociedade “Neue Schule zu Blumenau”, no dia 12 de abril de 1980, a área de terras, “sem condição alguma”, onde no dia 27 de junho de 1892, foi lançada festivamente a pedra fundamental da nova escola. Construção adequada e sólida com dois pavimentos (onde atualmente funciona provisoriamente a Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller).

Anualmente a Escola Nova programava a sua festa de Natal com números de canto coral com duas, três e até quatro vozes, duetos com acompanhamento de piano, declamações, poesias, encenação de peças teatrais, coral misto, danças e jogos festivos. Na programação de 20 de dezembro de 1913, entre outros números, foi apresentado “Irmã Zion”, coral misto da peça musical “Judas Maccabeus” de Fr. Haendel e “Natal na Ermida da floresta”, jogo festivo de Paul Massdorf.

1914, Primeira Guerra Mundial, e como não podia deixar de ser, também a Escola Nova colaborou para minorar o sofrimento dos soldados alemães durante a guerra, organizando para o dia 5 de setembro no salão teatral, apresentações de canto, música coral misto e ginástica. Entre os números apresentados: “O servo da Pátria”, “Dança das bandeiras”, “Tambor da alvorada”, “Despedida”, duas canções de soldados e outros mais. No dia 21 de março de 1915, a Escola Nova mais uma vez preparou um espetáculo para auxiliar os flagelados da guerra da Alemanha. No Teatro “Frohsinn” foram apresentados entre outros números: “O timpanista de S. Quentim”, Dança dos anões”, “Nós e o mundo” e outros. O convite foi formulado pela Escola Nova. Pelo Natal, no mesmo ano, as crianças apresentaram além dos números de canto, o conto de fadas com músicas e dança “A viagem à terra de Schlaraffen”. No período de 1916 a 1919, não foram publicados programas pela imprensa, sabe-se entretanto, que continuavam as festas internas, principalmente para arrecadar fundos para os flagelados da guerra. Também fazia parte do calendário escolar a homena-

gem a Semana da Pátria e esta era programada anualmente com números especiais de canto, declamação, coral, piano, cenas humorísticas e peças teatrais. No dia 5 de setembro de 1920, os alunos da Escola Nova apresentaram as cenas humorísticas: "A Gazeta", "Valentão como há muitos", "A partilha da terra", "O segredo" e "A visita". Pelo Natal do mesmo ano com a participação do coral misto, no salão do teatro, os alunos da Escola Nova apresentaram em três partes "Um jogo do presépio alemão", baseado em velhas canções e jogos populares de autoria do Doutor Hans Stuebler; a primeira parte foi o prólogo, a segunda o jogo dos pastores e a terceira os três reis. Em 1921, o programa da noite de entretenimento, no dia 20 de maio, apresentou entre outros números no programa dividido em três partes, o quadro da época "Escolas Populares" de Otto Arendt. As duas primeiras partes contaram também com números de autoria de Otto Arendt. Depois houve baile.

Entre as apresentações, as mais bonitas e que mais sensibilizavam a platéia, pela programação apresentada, certamente eram as festas de Natal. A peça teatral em três atos de Therese Haupt "Como a pequenina Else foi procurar o menino Jesus", conto de fadas de Natal, apresentada no dia 18 de dezembro de 1921, foi muito elogiada pela platéia. Também marcaram outras festas natalinas as peças: "A flauta de S. Nicolau" de Dethloff Schulz (20-12-1924), "Milhares de mãozinhas", peça em 6 quadros de M. Moeller (19-12-1925), "Janelinha de sol e o Rei da terra de Glitzer" em 5 atos de M. Moeller. Essa peça teve a participação do Maestro Heinz Geyer na parte musical (18-12-1926); "Rotkopf Joerge" conto de fadas de Natal de Otto Roth, apresentada no Teatro "Frohsinn, teve o Club Musical na parte musical sob a regência do Maestro Geyer e direção geral do diretor Kurt Boettner. Segundo a crítica, foi um excelente espetáculo (15-12-1928).

O espetáculo do dia 1º de maio, em benefício da Escola Nova "Hackelberg dos fundos da banda e a teoria da relatividade" foi apresentado no Teatro "Frohsinn", como terceira parte do programa do qual constavam da primeira parte música com instrumentos de corda, e a segunda coral misto com acompanhamento ao piano, danças e marchas. Depois baile. Em 1924, a Escola Nova mudou-se para o novo prédio da Rua Marechal Floriano Peixoto nº 651.

No dia 13 de dezembro de 1930, a Escola Nova e o Club Musical programaram no Teatro "Frohsinn" uma noite musical com músicas e canções e também exposição de trabalhos. Poucos compareceram ao "Frohsinn" não imaginando o trabalho produtivo do diretor e professor Sättler, que em poucas palavras falou sobre os 40 anos de funcionamento da Escola, dizendo ainda que "as crianças devem ser educadas com os olhos abertos para enfrentar a realidade da vida." Foram apresentadas pérolas dos mestres alemães como Loewe, Schubert e Robert Franz. O coral esteve ótimo bem com os solos acompanhados ao piano. Também a orquestra do Club Musical trouxe as necessárias variações na programação. Na exposição apareceram ótimos trabalhos manuais, pequenos trabalhos de artes plásticas, quadros, etc. A exposição dos trabalhos foi uma idéia muito feliz do diretor.

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução:

Rosa Herkenhoff

A 27 de dezembro de 1852, o então diretor da Colônia Dona Francisca, Benno von Frankenberg-Ludwigsdorf vindo da Alemanha a 27 de agosto de 1851, enviou o seu primeiro relatório — redigido em francês — ao Presidente Coutinho, da Província de Santa Catarina. A cópia do relatório, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville, apresenta erros gramaticais e ortográficos, além de termos literalmente vertidos do alemão, resultando daí expressões estranhas, bizarras, no texto francês.

Eis, na íntegra, o relatório traduzido:

Joinville, 27 de dezembro de 1852

Senhor.

Em resposta a carta que Vossa Excelência me deu a honra de escrever, com data de 24 de novembro, me apresso a lhe transmitir as informações desejadas.

No fim do ano de 1851 a Colônia contava 394 habitantes e no decorrer do ano que está prestes a findar chegaram de Hamburgo:

A 20 de maio de 1852 — 125 colonos, a 19 de julho — 201, a 6 de agosto — 21, a 5 de dezembro — 64, e de outras procedências, 8 imigrantes. Deste total, 200 são do sexo masculino, acima de 12 anos, 102 do sexo feminino e 107 crianças de ambos os sexos, abaixo de 12 anos. No decurso do ano de 1852, nasceram na Colônia 21 crianças e faleceram 41 pessoas, sendo 16 do sexo masculino e 25 do sexo feminino com a idade acima de 12 anos e os outros menores. Durante todo o ano de 1852, nenhuma epidemia castigou a Colônia. Retiraram-se 93 colonos e neste número se incluem quase todos os noruegueses, que partiram para a Califórnia, conforme haviam projetado. O número atual de colonos é de 690 de todas as idades e de ambos os sexos. O centro da Colônia, que tem o nome de Joinville, conta com 21 casas concluídas, 5 em construção e 12 pertencentes à Sociedade Colonizadora, destinadas ao alojamento provisório dos colonos que chegam, e galpões, dos quais um foi especialmente adaptado à serventia de hospital. Na parte restante da Colônia, se encontram 84 casas habitadas, fora as já citadas, e 12 em construção. Os diversos estabelecimentos e as propriedades dos colonos são ligados entre si por vias de 5 braças de largura e já apresentam um total de 11.600 braças (25:500 metros). O caminho que se dirige para Oeste, isto é, na direção da Serra Geral, tem uma extensão de 5.500 braças.

A cultura consiste principalmente em cana de açúcar, arroz, milho, mamona, mandioca, feijão, batatas, tabaco, que já deu resultados e promete muito para o futuro. Além disto, todos os colonos plantaram cafeeiros, bananeiras, batatas de diversas espécies, algodão, capim etc. A plantação de legumes no último inverno deu bom resul-

tado e a de cana de açúcar de um só colono ocupa uma área de 30.000 braças quadradas.

A Colônia conta com 4 indústrias: fábrica de tijolos, de massas alimentícias, de vinagre e de charutos. Uma forja, um açougue, duas padarias, uma hospedaria, cinco vendas e grande número de artezãos, como: marceneiros, pedreiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates, tanoeiros etc. Em Joinville, centro da Colônia, se encontra um médico e dois boticários, um pastor e um professor. A região dominante é a protestante, 26 colonos somente são católicos.

Vossa Excelência deseja conhecer as necessidades da Colônia, nas quais o poder da Província poderia auxiliar. Eu lhe citarei, em primeiro lugar, a instalação de uma escola primária para as crianças, que não existe ainda e que seja inaugurada, assim que o Governo Provincial se dignasse pagar os vencimentos de um professor.

O médico que se encontra na Colônia, deve, igualmente, prestar assistência gratuita, não somente aos colonos pobres, mas também a um grande número de brasileiros que trabalham na Colônia ou que moram nas proximidades e que preferem vir consultar o médico da Colônia, em vez de se dirigirem à Cidade de São Francisco. Tenho ainda a honra de informar a Vossa Excelência, que o médico descobriu no seu terreno uma fonte sulfurosa e mandou construir uma casa de banhos, com bom resultado e transmitindo esta nova a Vossa Excelência, anexo a cópia da análise das referidas águas.

Enfim, termino esta carta, informando Vossa Excelência, que Monsieur Aubé, o agente do Príncipe de Joinville, mandou executar obras nas proximidades da Colônia, nas terras do Príncipe, as quais, aliás, estão ligadas à Colônia por uma via e como Monsieur Aubé tem a intenção de apressar os mencionados trabalhos em direção ao Cubatão e a Curitiba, a Colônia seria ligada pela mesma via a aqueles pontos importantes, o que não poderá deixar de contribuir para a prosperidade futura.

Peço a Vossa Excelência aceitar os protestos de minha alta consideração. B. von Frankenberg, Diretor da Colônia Dona Francisca.

(Tradução do documento existente no Arquivo Histórico de Joinville).

Nota da Redação:

Rosa Herkenhoff, já falecida, colaborou durante muitos anos em nossa revista, quando em vida. Deixou longo acervo de trabalhos publicados na imprensa de Joinville, todos intitulados "Subsídios Históricos", os quais, pelo valor histórico que encerra, para a história de Santa Catarina, vamos publicar nesta revista. Todos estes originais do trabalho de Rosa Herkenhoff, nos foram fornecidos por sua irmã, também nossa colaboradora e aplaudida historiadora joinvillense, sra. Elly Herkenhoff.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Dias Históricos da Revolução de 1930

Publicado no Jornal "DIE VOLKSZEITUNG" (O Jornal do Povo).

Quarta-feira, 15 de outubro de 1930.

Nº. 50

"Blumenau vive atualmente dias, cuja descrição mais tarde filhos e netos ouvirão com arrepios, como nós ouvimos as notícias de revoluções passadas.

Em tempos ruins as pessoas também se tornam "ruins", principalmente quando a chamada "classe baixa" responsável pela arrecadação de impostos vê a "classe alta" manobrar mal e sem responsabilidade este mesmo dinheiro. Quando por exemplo um senador ganha tanto por dia como vale uma vaca de leite. Além dos senadores nunca chegarem a resolver um problema satisfatoriamente, alegando falta de dinheiro no exterior. Ainda quando colonos tem que ajudar no pagamento inútil de uma valorização do café, para que os ricos fazendeiros de café, não precisem submeter-se a qualquer "restrição" em seu orçamento. Se este café é destruído para conservar a alta do preço obrigando o colono a consumir uma mistura de milho torrado em substituição ao café. Quando milhares de parasitas pululam as repartições públicas e precisam ser sustentados pelos funcionários honestos e trabalhadores! E mais ainda quando este pacífico e resignado ainda apanha, quando resolve eleger um outro político do que os "caziques" escolheram. Então a senha é: Assim não podemos continuar, pior não pode ficar. Mesmo o blumenauense mais fiél não procura mais a arma como antigamente para defender a "legalidade". Mas com o coração nas mãos, sem reação, aguarda os acontecimentos dizendo: pior não pode ficar.

Eis a razão porque o blumenauense "falhou" quando o governo apelou para sua lealdade, pedindo em vão auxílio para combater os revolucionários em seu avanço.

O centro da cidade mostrou hoje o mesmo aspecto de quando na expectativa de uma enchente, grupos se reuniram perguntando angustiosos: será que a água vai subir muito, será que virá nova massa d'água destruidora?

Porém chegaram primeiro somente telegramas que diziam: "O exército é fiél, não há perigo. Em Florianópolis estão vasos de guerra e milhares de soldados". Os tão esperados soldados não vieram para proteger Blumenau, em vez disto outro telegrama. Este ordenava que nossos filhos se apresentassem ao serviço de recrutamento. Porquê? Qual a razão? Nenhum perigo? Tantos soldados? Porque nossos filhos? Resultado? Ninguém se apresentou. Vieram outros telegramas, ameaçadores e por fim o encarregado do recrutamento com a ordem de levar 40 homens. Agora nada mais os segurava. Os jovens desapareceram, famílias inteiras fugiram. Felizmente o comandante do piquete era conhecido pelos blumenauenses de tempos anteriores, e assim não se registrou nenhum choque de ambos os lados.

A decepção no entanto foi reciproca. Blumenau esperava as tropas para sua proteção e as tropas esperavam cidadãos voluntários para aumentar seu contingente. Neste meio tempo se soube do acontecido em Joinville, onde num cerrado tiroteio na rua do Príncipe dois funcionários da câmara foram vítimas do fogo das metralhadoras e 16 soldados da marinha e 3 homenes do 13º. batalhão de caçadores também morreram.

Com reações duvidosas esperava-se a vinda da Brigada Militar do Rio Grande e que havia sido anunciada de Rio do Sul. A população de Blumenau, como também os fiéis ao governo aguardavam ansiosos a chegada deste pequeno contingente militar.

O nervosismo crescia, e ontem chegou ao climax, quando um sargento desesperado atirou-se as águas do rio Itajaí morrendo afogado. Neste mesmo momento explodiu como uma bomba a noticia vinda de Pomerode, que queria saber se haveria opposição a enfrentar com a entrada das tropas na cidade. Deste lado portanto, também vinha o inimigo — conselho de guerra. — Como chegaram a conclusão que a resistência seria inútil e sim um verdadeiro crime junto aos moradores também em perigo resolveu entregar-se a pequena tropa o que também foi comunicado às autoridades locais.

Como parlamentares seguiram alguns senhores ao encontro das tropas, em companhia do tenente Cabral que até se ofereceu como refém. Em Pomerode se soube que a informação ainda não tinha sido transmitida às tropas revolucionárias estacionadas na Serra, pois ninguém tinha coragem de levar a mesma durante a noite. Tíhamos que seguir viagem. Pouco antes da subida da Serra às margens da estrada subitamente criaram vida. Armas, inclusive metralhadoras foram apontadas para nós; eram os postos avançados. Fomos apresentados ao official comandante, que nos ceñeu um guia até o cruzamento onde se encontrava a tropa acompanhada do tenente Gualberto, filho do valente official que em Irani caiu em combate com os fanáticos. Antes porém encontramos um carro, dirigido pelo senhor Weiss, que veio nos avisar que a ordem era, atirar contra qualquer carro vindo de Blumenau, porque 500 homens armados estavam se deslocando para aquela região.

Logo ainda deparamos com uma motocicleta, habilmente dirigida pelo senhor Guido Hauer de Curitiba, que era o ordenança voluntário. Este senhor tinha sido incumbido de conseguir a promessa, que essa ordem fosse mudada a atirar somente depois da identificação. Assim não estávamos em perigo direto, mas não deixa de ser uma sensação desagradável viajar e enfrentar na incerteza um exército em avanço e em plena noite. Mais algumas vezes fomos obrigados a parar para a identificação; finalmente chegamos a Jaraguá. Esta pequena e pacata (?) cidade foi transformada em acampamento militar, por entre o qual os moradores circulavam livremente. O batalhão que em época de paz contava cerca de 400 homens agora estava acrescido por reservistas voluntários para 1200 homens.

Enquanto Antônio Figueiredo prestava esclarecimentos ao comandante, eu aproveitei o tempo de examinar na companhia de

um oficial o respeitável armamento, munição e estoque de alimento. Satisfeito o oficial dizia, que a revolução estava sendo esperada pelo governo que armazenou o necessário, mas não contava com a rebeldia da guarnição em Curitiba, caindo assim tudo nas mãos dos revolucionários. Meu companheiro afixou por várias vezes que o Paraná estava eufórico com a queda do presidente Camargo. Para este o Estado era uma possessão de família para inescrupulosas manipulações e opressão. Razão também que o exército voluntário tinha aumentado com a adesão de filhos das famílias mais tradicionais do Paraná e que estavam convictos da vitória dos revolucionários.

Se existia ainda um receio em nosso município este se dissipou logo ao ver a disciplina exemplar dos soldados. Estes homens que por amor à pátria pegaram nas armas, convictos de um futuro melhor. Estes homens estão longe de amendrontar pacíficos moradores, pois justamente a liberdade da opressão escrevem como lema em seu estandarte.

Podemos portanto contar que logo as famílias fugitivas retornarão à seus lares, tranqüilos e confiantes para continuar sua vida normal de trabalhadores pacíficos.

Se os habitantes de nosso município viram o recrutamento de seus filhos com desconfiança e receio, tanto mais acolhedor recebam os revolucionários. Redações de jornais e muitas casas particulares ostentavam a bandeira vermelha, caminhões e automóveis circulavam embandeirados. No dia seguinte às 2 horas da madrugada as tropas entraram na cidade; eles representam a vanguarda e chegaram sob o comando do tenente Gualberto. Ainda hoje podemos também esperar as tropas de Jaraguá e as do Rio Grande do Sul e Lages.

Soubemos que já foram requisitados trens especiais. Podemos portanto contar com uma Blumenau bastante movimentada e será uma honra para nós abrigar o glorioso exército que como meta tem como objetivo amor à liberdade e a pátria."

Até aqui as notícias censuradas do número anterior
Continuação:

"Não aconteceu bem assim como imaginamos. O posto avançado do exército revolucionário do 15 BC. não encontrou mais em Blumenau o piquete policial, para cujo aprisionamento tinham sido enviados.

Para não perder totalmente a simpatia do governo a municipalidade conseguiu caminhões que transportaram os policiais para junto dos retirantes. Como neste meio tempo o 15 BC. recebeu igualmente ordens de se deslocar para S. Paulo, os blumenauenses viveram momentos angustiantes. Além de tudo circulava também na cidade o boato que um vaso de guerra tinha ancorado em Itajaí e 100 marinheiros desembarcaram e estavam se dirigindo a Blumenau para uma terrível vingança. A tropa de Lages também não veio, enfim uma notícia alarmante sucedia outra. Repentinamente o auxílio veio de outro lado e com o qual já não se esperava mais. De Timbó veio a notícia que um batalhão de voluntários de Maíra estava se dirigin-

do a Blumenau. A notícia foi recebida com júbilo, os blumenauenses podiam dormir tranquilos.

Este batalhão sob o comando do Coronel José Severino Maya, tenentes Pedro Kuss, Ayres Ranen e ajudantes Abelardo Silveira, Ewald Sabathe, Candoca Severiano, Carlos Schmidt e Salvador Saboia. Ontem de manhã às 11 horas o Coronel Maya destituiu do cargo de prefeito da cidade o senhor Kurt Hering, nomeado como alcaide provisório o senhor João Kersanack, chefe local do partido liberal. Ao mesmo tempo, pela destituída câmara de vereadores, foi nomeado uma junta administrativa que se compõe dos seguintes senhores: Antônio Figueiredo, Theodorinho Pereira, Adolfo Wollstein, Thomé Braga e Max Mayr. A primeira medida que tomaram foi o controle de preços que já estavam começando a degenerar em abuso e supervisionar ao mesmo tempo a distribuição dos alimentos armazenados nos depósitos das grandes distribuidoras.

O controle na distribuição de alimentos em épocas na qual a vida normal sofre certo desequilíbrio é muito importante. Para melhor dizer em grandes centros como S. Paulo e Rio de Janeiro onde o fornecimento pode entrar em colapso total caindo nas mãos dos revolucionários. Se os milhares de desempregados e famintos instigados pelos comunistas procurarem esquivar-se da onda de terror, serão presa fácil das tropas revolucionárias.

Com as primeiras leis criadas pelo governo municipal revolucionário se comprovou que está ciente e completamente a par dos objetivos da revolução e que são libertar o povo, não só dos opressores mas também dos exploradores.

Revolução quer dizer, remodelação, e não em todo o Brasil ela correrá tão tranqüila como em Blumenau, onde felizmente não se persegue os inimigos políticos, enquanto pacíficos e ainda sob a direção de um prefeito como João Kersanack podemos olhar para um futuro tranqüilo”.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Observava meu amigo Salim Gabriél, bibliófilo e erudito atento a tudo que acontece no panorama da cultura, que nosso Estado vem dando a público inúmeros livros, o que inclusive vem sendo notado além de nossas fronteiras. Os catarinenses estão produzindo em todos os gêneros e publicando seus trabalhos, disputando nos diversos concursos existentes, colabrando na imprensa onde quer que haja espaço para as letras. Mesmo os que acompanharam com interesse essa movimentação literária não têm condições de abarcar num golpe de vista toda a nossa produção. Embora venha procurando anotar aqui tudo que aparece, estou certo de que devo ter cometido inúmeras e indesculpáveis omissões. Mas antes isso, acredito eu, que não ter o que comentar.

Entre as publicações mais recentes, destaco hoje "A cruz vazia na encruzilhada" (Editora Cátedra — Rio — 1985), novo volume de poemas de Marcos Konder Reis, um dos mais conhecidos e admirados poetas conterrâneos. O livro contém dois longos poemas, densos e compactos, interligados entre si ("A encruzilhada" e "A cruz vazia"), e que compõem um livro "tenso e lírico, em que drama e sentimento patético e amoroso se acasalam numa simbiose estranha e bonita, bonita e provocante", como escreveu o crítico Carlos Augusto Corrêa. Autor de inúmeros livros de poesias, alguns de crônicas, contos e novelas, Marcos Konder Reis tem um séquito de leitores e este novo conjunto de trabalhos com toda certeza agradará a todos e alargará o número dos seus admiradores.

Outro livro que vem agradando é "Judeus de bombachas e chimarrão" (José Olympio — Rio — 1985), de autoria de Jacques Schweidson, cidadão honorário e radicado de longa data em Santa Catarina. O volume reúne as memórias desse homem vivido e experimentado que agora se revela como memorialista, gênero em que é bem modesta a estante catarinense, mas ao qual também vem se dedicando ultimamente o crítico Nereu Corrêa. Escrita de forma direta e incisiva, a narrativa revela um homem culto e um observador arguto, capaz ao mesmo tempo de imprimir ao texto impressões e sentimentos bem vivos. E não é por menos, tanto que despertou o entusiasmo de escritores como Stella Leonardos e Antônio Carlos Villaça. Como afirmaram os editores, é "a saga dos admiráveis colonos judeus vindos da Rússia para Filipson... para o novo mundo, desconhecido e áspero, mas de gente que os recebeu e os respeitou. É um livro que se lê com prazer e proveito.

Também registro com prazer o volume "Quando o outono chegar" (Editora Pannartz — S. Paulo — 1985), contendo crônicas, contos e poemas de Edltraud Zimmermann Fonseca, catarinense que reside na Paulicéia. Nos três gêneros a autora escreve com desenvoltura, tanto que um de seus trabalhos ("Jornada de Amor") virou um dos "casos verdade" da Globo. A autora tem intensa atividade profissional e cultural e mereceu aplausos da crítica na imprensa paulista e catarinense.

...°O*O°...

— Edições Sanfona, de Florianópolis, publicaram "Sete pavios no ar", poemas de Alcides Buss, e "Sete Marinhas", crônicas de Othon D'Eça.

— O Suplemento Literário de Minas Gerais publicou um extenso ensaio de Lauro Junkes sobre obras recentes que focalizam a figura e o trabalho do Aleijadinho.

— Prosseguindo na realização de seus encontros literários, o grupo de escritores de Blumenau formado por Martinho Bruning, José Finardi, Vilson Nascimento, Oldemar Olsen Jr., Roberto Diniz Saut e este comentarista, homenageou o contista e cronista florianopolitano Jair Francisco Hammns no restaurante do Grande Hotel Blumenau. O próximo encontro deverá ser no mês de agosto e o nome do convidado já foi escolhido.

Subsídios à Crônica de Blumenau

A Política Blumenauense durante o Governo de Nereu Ramos.

Excertos do jornal "BLUMENAUER ZEITUNG".

Quinta-feira, 10 de janeiro de 1933.

"Repto".

O jornal "O Estado" de Florianópolis, em seu número do corrente mês, sob o título "O órgão da Prefeitura de Blumenau", fazendo-se porta-voz do "Correio de Blumenau", que aqui se edita sob a direção dos Srs: José Ferreira da Silva e Abelardo Fonseca, publicou um amontoado de infames verrinas que bem retratam o feitio dos sícários morais que o redigem. Sem estribar-se em fonte merecedora de fé; sem antes certificar-se da veracidade das informações que maldosamente lhes foram prestadas, deram aos redatores de "O Estado", o seu endosso às perfídias notas do "Correio de Blumenau", aumentando-as e servindo assim de instrumento vil de meus inimigos que, impotentes para atacar de vizeira erguida o cidadão e o prefeito revolucionário de Blumenau, preferem esgueirar-se pela porta escura da indignidade, procurando expor-se aos olhos de meus patrícios como um degenerado, um renegado pátrio.

Não encontrando os miseráveis verrineiros outra tecla por onde pudessem veicular aos quatro ventos meus atos merecedores de reprovação ou censura; não encontrando motivos para expor-me ao pelourinho da execução pública da gente da minha terra, mentem, caluniam para armar efeito, como se já não os conhecesse de sobejo, como se o povo já não estivesse habituado a classificar essa espécie de jornalistas, entre os seres biológicos canifrazes que não medem meios para alcançar os fins.

Não publiquei nem fiz publicar, como maldosamente diz "O Estado" exprimindo o pensamento do "Correio de Blumenau", editais ou portarias em língua alemã no jornal "Blumenauer Zeitung", onde publico na língua nacional os editais e portarias municipais. Assim repto os redatores do "O Estado", nas pessoas dos Srs: Gustavo Neves e Cássio Luz, bem como, os redatores do jornal "Correio de Blumenau", nas pessoas dos Srs: José Ferreira da Silva e Abelardo Fonseca, sob pena de passarem por vis e miseráveis caluniadores, a que tragam a publicidade, precisando a data, número e nome do jornal ou jornais em que a Prefeitura Municipal de Blumenau, tivesse publicado editais ou portarias em língua estrangeira.

Blumenau, 14 de janeiro de 1933.

Antônio Cândido de Figueiredo
(Prefeito Municipal Provisório)

(Reconheço verdadeira a assinatura supra de Antônio Cândido de Figueiredo, do que dou fé — Blumenau, 14 de janeiro de 1933 — O Tabelião Otto Abry).

Para que o povo do município que dirigo, possa ajuizar quanto ao feitiço moral de quem não se nega utilizar meios tão baixos, da intriga a vilania, se é que já não o fez há muito, transcrevo abaixo o artigo a que me refiro, publicado no citado jornal "O Estado", em seu número do corrente mês:

"O Órgão da Prefeitura de Blumenau".

O "Correio de Blumenau", continua no seu árduo e patriótico labor de traduzir editais e portarias do prefeito daquele município, publicados em alemão no "Blumenauer Zeitung". A edição de anteontem, do bi-semanário amigo, ainda traz a tradução de um ato prefetural, referente a pagamentos de juros e apólices e que fora publicado, em alemão, no órgão oficial da Prefeitura — o "Blumenauer Zeitung".

Não nos move a referência a esse e outros casos do gênero o intuito de uma campanha sistemática contra a operosa e culta colônia alemã de Santa Catarina. Em verdade, muito devemos a este povo trabalhador e progressista que, tendo vindo localizar-se em nosso Estado, tem colaborado extraordinariamente no desenvolvimento comercial, industrial e agrícola de Santa Catarina. Apenas achamos anti-patriótico o ato do Prefeito de Blumenau, aliás de nacionalidade brasileira, já tendo até ocupado a direção de um estabelecimento de ensino público estadual, onde se teria insistido na necessidade de nacionalizar a educação dos colonos.

Concebe-se que o ilustre governante de Blumenau, para maior divulgação dos atos oficiais, forneça ao "Blumenauer Zeitung" nctas e que este os traduza para a linguagem dos colonos. O que se censura e que S. S. em pessoa redija as suas resoluções em língua alemã e lhes dê publicação, unicamente, por intermédio do seu órgão oficial que é o "Blumenauer Zeitung", segundo reiteradamente informa o "Correio de Blumenau".

O que se condena é que o Prefeito Municipal dê o amparo oficial a um jornal que não é brasileiro, porque utiliza a língua alemã e prefere os assuntos alemães para informar os leitores. O que se profíliga enfim, é que o Sr. Prefeito de Blumenau leve a tal ponto o seu descaso e a sua desconsideração pelos munícipes, ao ponto de não utilizar a língua nacional para dar conhecimento dos negócios do município, sendo por isto preciso que os jornais brasileiros dali, se dêem ao trabalho de traduzir do idioma alemão, as publicações da prefeitura.

Em Blumenau portanto, o órgão oficial é redigido em alemão, mesmo os atos da Prefeitura são divulgados na língua pátria dos colonos locais.

LOJAS HERING S.A.

Representa não só o espirito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

É o Sr. Prefeito quem o quer e, o Sr. prefeito é brasileiro! E mais: o Sr. Prefeito já foi diretor de um grupo escolar, onde teria desempenhado as funções de zelador do idioma pátrio, no empenho de nacionalizar o ensino.

Em Blumenau, sim, o órgão oficial é o "Blumenauer Zeitung", os outros jornais como o "Correio de Blumenau" e "A Cidade" são simples intérpretes.

Positivamente o Sr. Major Ruy Zobaron, precisa conhecer tais fatos e tomar providências para a defesa da língua nacional, menosprezada pelo prefeito de uma das nossas células municipais."

Nº. 31 Excertos do Jornal "BLUMENAUER ZEITUNG" Ano 50

Segunda-feira, 20 de abril de 1931.

"Lokales".

Município de Rio do Sul

No dia 15 do corrente mês, aconteceu em Bela Aliança, a instalação do Município de Rio do Sul, isto é, a união da prefeitura e administração municipal. A cerimônia ocorreu no edifício da atual Intendência às 11 horas da manhã. O Juíz de Direito da já instalada comarca, em janeiro, Dr. Adão Bernardes, assumiu, como mais alta autoridade do local, a mesa coordenadora e depois de esclarecer em rápidas palavras a importância deste dia, empossou, sob juramento, de acordo com o decreto de 13 do corrente, o prefeito provisório do novo município, o Sr. Eugênio David Schneider. O presidente da mesa, deu a palavra ao representante do prefeito de Blumenau, Sr. Friedrich Kasperek, que entregou oficialmente a força municipal, sobre os antigos distritos de Bela Aliança e Taió, ao novo Prefeito de Rio do Sul.

Em seguida, discursou o Chefe do Partido Liberal Catarinense, o Sr. Dr. Nereu Ramos, que compareceu igualmente com outras pessoas de projeção política. Ele lembrou o município "mater" Blumenau e declarou que o atual município era uma vitória desta cidade, pois sem o seu consentimento, não teria sido possível o desligamento e que o povo sempre se lembraria deste gesto, que não foi um ato de inimizade contra Blumenau, mas sim, uma base para um progresso mais amplo deste novo município.

Nº. 62 "BLUMENAUER ZEITUNG" Ano 50

Segunda-feira, 10 de agosto de 1931.

"Besuch des Interventors" — Visita do Interventor

Aceitando um convite do atual prefeito desta cidade, chegou ontem o Interventor do Estado, o Sr. General Assis Brasil, que no dia seguinte visitou todos os distritos do município e teve a melhor impressão. Mesmo assim, teve que ouvir alguns discursos que desa-

creditavam o atual prefeito. Mas com palavras precisas e enérgicas, respondeu a todas estas acusações, eliminando em definitivo, logo no início, qualquer manifestação hostil contra o atual prefeito de Blumenau. Depois de ter visitado a construção da ponte sobre o Rio Itajaí, o mesmo regressou a Florianópolis.

No mesmo jornal e na mesma data:

"Manifestation" — Manifestação.

Ontem a tarde, diante da Câmara Municipal, ocorreu o anunciado comício, no qual falaria o Dr. Nereu Ramos. Compareceram cerca de 800 a 1000 pessoas, porém, na maioria curiosos ou contrapartidários. Isto de fato não surpreendeu e foi significativo, pois para a colônia foram postos a disposição gratuitamente o trem e automóveis.

Novidades, o Dr. Nereu Ramos não disse, em seu discurso de 2 horas, mas se referiu à sua ação rigorosamente declarada anti-germânica, durante os anos de guerra; afirmou que era apenas uma manifestação patriótica, pois nestes anos de guerra, todo patriota deveria mostrar-se declarado inimigo de tudo que era alemão.

A nosso ver uma campanha tão intensa contra os alemães como nós sofremos, mesmo em época de guerra só podia manifestar-se em pessoas que sempre foram inimigos de tudo que descendia do alemão. Blumenau não esqueceu, por esta razão, o fiasco do comício de ontem e que terminou com aplausos calorosos e vivas ao atual prefeito, o Sr. Figueiredo.

Nº. 10

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 52

Quinta-feira, 26 de janeiro de 1933.

Telegrama — Prefeito Figueiredo — Blumenau.

Florianópolis, 21 de janeiro de 1933.

"Constando "Correio de Blumenau" em nota pérfida e caluniosa censura Prefeitura Camboriú que diz não permitir estranhos sejam empregados senão proporção um terço de evitar explorações virão desacreditar obra revolucionária peço desmentir nota repugnante. Em Camboriú medida saneamento moral só não serão permitidos trabalhar patifes desonestos ou viciados cocaína e cachaça. Fineza publicar. Abraços.

Heitor Santos — Prefeito".

Nº. 44

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 52

Quinta-feira, 20 de abril de 1933.

A Pedido.

Tendo em data de hoje, telegrafado ao interventor recém-nomeado pelo Governo Provisório, Sr. Cel. Aristiliano Ramos, comu-

nicando-lhe considerar-me exonerado do cargo de Prefeito deste Município e como tenho por hábito, assumir atitudes francas e decididas, pautando sempre os meus atos com dignidade e desassombro, publico, para conhecimento, especialmente do povo de Blumenau, o telegrama que dirigi ao Sr. Cel. Aristiliano Ramos, às 9 horas da manhã, ou seja, uma hora antes de ter assumido, o referido Sr., a interventoria:

“Blumenau, 19 de abril de 1933.

“Coronel Aristiliano Ramos — Florianópolis.

“Cientificado pelo senhor interventor interino Manoel Pedro Silveira, que V. Excia, hoje assume governo qualidade interventor indicado pelo Estado Rio Grande do Sul apresso-me comunicar que me considero exonerado cargo Prefeito cujo exercício me encontro desde 6 janeiro 1931. Mil vezes servir aos reacionários que com sacrificio toda sorte por um Brasil melhor derrubamos outubro 1930 do que reacionários orientados por Nereu Ramos.

Antônio Cândido Figueiredo, prefeito municipal provisório”.
(Reconheço verdadeira a assinatura retro de Cândido de Figueiredo do que dou fé — Blumenau, 19 de abril e 1933). Otto Abry — Tabelaio.

CURT MAX LEBRECHT

Dia 2 de junho. — faleceu Curt Max Lebrecht, um dos heróis veterano da segunda guerra mundial, que teve participação ativa no exército aliado que, em 1944, invadiu a Normandia e libertou a França, abrindo caminho em direção ao centro da Alemanha de Hitler. Curt Max Lebrecht que teve sua auto-biografia publicada em livro escrito por José Gonçalves, foi fundador, em Blumenau, do Grupo de Escoteiros Leões, a cuja instituição prestou assinalados serviços durante mais de trinta anos. Até nos ultimos dias de sua vida, ainda dedicou-se a alguma atividade em favor do escotismo, no qual educou seus dois filhos, Franklin e Bárbara. Era o mais antigo maçom ativo pertencente à Loja Maçônica Fraternidade Blumenauense nr. 6. Foi um dos mais destacados colaboradores de direção do Grêmio Esportivo Olimpico, proprietário da Fábrica de Chocolate Saturno até há poucos anos passados, cujo controle acionário vendeu ao aposentar-se. Finalmente, Kurt Lebrecht era uma das mais estimadas figuras que sempre se destacaram nos meios sociais e culturais de Blumenau, razão pela qual seu falecimento causou profunda repercussão na comunidade blumenauense.

<p>SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense</p>

“Yara”, uma ópera joinvillense

Elly Herkenhoff

Em 1929, quase no final do mês de outubro, chegava a Joinville um músico chamado Pepi Prantl. O nome “Pepi” — que se pronuncia “Pêpi” em alemão — não era, evidentemente, o que figurava em seu passaporte austríaco. Mas “Pepi”, forma carinhosa e amiga do nome Josef, usada na Alemanha Meridional e na Áustria, era a preferida pelo próprio compositor e assim, como Pêpi Prantl, entrou ele para a história das Artes de Joinville.

É de se crer que a notícia da chegada de Pêpi Prantl, sem qualquer destaque divulgada pelos jornais, não tenha despertado a atenção do grande público joinvillense. Enfim, era apenas mais um músico, um pianista, que se vinha estabelecer na cidade, no propósito de lecionar música e dar concertos, e chegava no exato momento em que o calendário daquele mês de novembro de 1929 oferecia, fartamente divulgada e ansiosamente aguardada a temporada de operetas da companhia vienense de Margarete Slesack, um dos muitos elencos teatrais que periodicamente se exibiam na Joinville da “belle époque”, a época — no lado de cá do Atlântico — anterior à Segunda Grande Guerra e à Era da Televisão, assim como a chamada “belle époque” — no lado de lá do Oceano — precedeu o estouro da catástrofe mundial de 1914 a 1918.

Mas, a 5 de dezembro daquele mesmo ano, de chofre a atenção geral se volta para a localidade de Hansa — hoje Corupá — onde se realiza, com sucesso extraordinário, um concerto de violino e piano. O pianista é o recém-vindo Pepi Prantl, o violinista é o joinvillense Evaldo Müller, o inesquecível músico, o artista — hoje quase esquecido na Cidade que lhe serviu de berço...

E um mês após, em janeiro de 1930, os jornais anunciam a fundação de um conservatório à rua do Príncipe, sob o nome de Conservatório Prantl-Müller, sendo iniciativa dos dois músicos, então já amigos.

A 21 de março realiza-se o primeiro concerto sinfônico sob a regência do maestro Pepi Prantl, no salão superlotado da Liga de Sociedades — hoje Liga de Sociedade Joinvillense — em benefício do Instituto Pasteur de Joinville, fundado pelo Dr. Norberto Bachmann. A orquestra é, toda ela, composta de músicos amadores de Joinville, os solos de violino são executados por Evaldo Müller e os de piano pela pianista joinvillense Lady Gonçalves.

E, então já perfeitamente integrado na vida social e cultural da Cidade, assume em abril do mesmo ano, a direção do coral da associação “Concórdia” quando da renúncia do seu dirigente Albino Kohlbach, por motivos de saúde.

A 26 de dezembro, enfim, por ocasião do grandioso concerto sinfônico da Harmonia-Lyra, em regozijo à inauguração de sua nova sede social, Pepi Prantl atua pela primeira vez como regente de nos-

sa sociedade cultural mais representativa, em colaboração com o maestro Tenente Paulino Martins Alves que, naquela noite festiva, se despede de Joinville, após uma atuação felicíssima de 10 anos, como regente da orquestra da Sociedade Harmonia-Lyra. É difícil hoje — depois de meio século — atinarmos em que ocasião, em que momento, Pepi Prantl começou exatamente, a idealizar a composição de uma ópera. Mas é certo que chegou da Europa, já trazendo na bagagem inúmeras composições dos mais variados gêneros, sendo uma delas a opereta intitulada “Die Zwillinge” (Os Gêmeos), libreto de Mayen, e já apresentada com sucesso na Alemanha. E a 10 de maio estréia a sua opereta no palco da Harmonia-Lyra, com intérpretes amadores, pertencentes à sociedade local. Freneticamente aplaudida, tanto na estréia como nas reprises, é levada ao palco em Blumenau, a 13 de junho, e em São Leopoldo (RS), a 3 de novembro de 1932, tendo sempre no papel principal a esposa do autor, a cantora Lotte Prantl. E depois da “Die Zwillinge”, a Cidade dos Príncipes tem o privilégio de ver e ouvir, em dezembro de 1932 e março de 1933, a opereta “Schwarzwaldmädel” (Menina da Floresta Negra), de Léon Jessels. Por ocasião do 75º aniversário da Harmonie-Gesellschaft, em junho de 1933, é a vez de “Walzertraum” (Sonho de Valsa), de Oscar Strauss, em três récitas. Em novembro de 1934 é encenada a “Dreimädelhaus” (Casa das Três Meninas), música de Franz Schubert, e em agosto e setembro de 1935 a “Annemarie”, de Jean Gilbert (Max Winterfeld). Sempre sob a regência de Pêpi Prantl, sempre sob a direção e encenação do casal Adolfo e Eva Trinks, sempre com intérpretes amadores, muitos dos quais pertencentes aos diversos corais então existentes em Joinville.

E sucedem-se os concertos, primorosos, magníficos, regidos por Pepi Prantl, na maioria reservados aos sócios da Harmonia-Lyra, enquanto outros se realizam em ocasiões especiais. Assim, é a grande festa em homenagem a Goethe, na passagem do centenário de sua morte, em março de 1932. E o concerto sinfônico, com a participação de Evaldo Müller e da pianista Marieta P. da Silva, em novembro do mesmo ano. É a apresentação de músicas de Pepi Prantl, entre as quais se contam quatro trechos da ópera “Yara” cantados por Lotte Prantl e Hedwig Schlemm Pfützenreuter, cantora joinvillense, formada na Alemanha. É o festival por ocasião da visita de Maria Kahle, poetisa alemã, em julho de 1934 e é a reprise do programa com músicas exclusivas de Pepi Prantl, no Teatro Guaira, de Curitiba.

E enquanto isso, vai crescendo, vai se aprofundando a grande obra do grande compositor — a “Yara”. No recesso de seu lar, Pepi Prantl trabalha, cria os acordes, os ritmos, as melodias — ausculta os sons, retoca, recria, recompõe, sempre em busca do perfeito, para traduzir na música os versos do libreto de Otto Adolf Nohel, os versos que falam do amor de Rolf, o garimpeiro alemão, por uma índia brasileira. Muitas vezes interrompe o seu trabalho criador, de súbito angustiado, torturado por mais um acesso de asma, fiél e implacável companheira de toda a sua existência...

Mas, apesar dos muitos embaraços, dos inúmeros contratem-

pos, a "Yara" progride. Já se tem como certa a sua estréia em futuro próximo, quando no mês de julho de 1935, vem a Joinville uma companhia italiana de óperas — o primeiro teatro lírico a se apresentar na Cidade e são três óperas aqui levadas ao palco: La Traviata, Tosca e Rigoletto. Exatamente quando a "Yara" começa a ser ensaiada, quando começa a engatinhar, com os seus intérpretes amadores em quase sua totalidade, membros dos corais da cidade — amadores, portanto, que em sua maioria nunca haviam assistido à apresentação de uma ópera em um palco.

Teria sido providencial a vinda a Joinville do elenco italiano, exatamente naquela ocasião?

E a 17 de janeiro de 1936, enfim, o inaudito, o incrível acontece: na Cidade dos Príncipes apresenta-se — em estréia mundial — uma ópera genuinamente joinvillense, com intérpretes, cantores, bailarinos, quase todos amadores pertencentes à sociedade local, os coros constituídos pelos corais das associações "Sängerbund-Concórdia" e "Helvetia", a orquestra composta de músicos da Sociedade Harmonia-Lyra, acrescida de alguns membros da Orquestra Filarmônica de Curitiba e alguns músicos da banda do 13º. Batalhão de Caçadores, estacionado em Joinville.

É noite de gala na Cidade — mas, na ausência do libretista, do criador do texto, Otto Adolf Nohel, tragicamente desaparecido a 19 de janeiro de 1932, em d e s a s t r e automobilístico, nas proximidades de Jaraguá do Sul, quando se dirigia a Joinville, a fim de acertar detalhes referentes ao libreto da "Yara"...

Otto Adolf Nohel, que deve ter imigrado na década de vinte, estabeleceu-se em Joinville, em junho de 1931, com escritório de contabilidade, segundo anúncio publicado no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), onde oferece os seus préstimos, na qualidade de contabilista e professor de ciências comerciais. É possível que logo em seguida se tenha mudado para Corupá ou Jaraguá do Sul, uma vez que faleceu em viagem para Joinville, no intuito de se encontrar com o Maestro Prantl. É certo que os dois autores se conheciam, antes da vinda de Pêpi Prantl à nossa Cidade e é provável que Otto Nohel tenha adaptado o manuscrito de um romance inédito de sua autoria, para transformá-lo em libreto de ópera, talvez por sugestão do próprio Maestro — o romântico incorrigível, apaixonado pelo romantismo da história de amor...

Assim, no início daquele festival, não só o orador da noite, mas toda a enorme assistência, que superlota o salão da Harmonia-Lyra, homenageia o poeta falecido, guardando de pé, um minuto de silêncio, antes da solene profonia da "Yara". E, em seguida, desenvolve-se, diante do público fascinado e enternecido, a tragédia que teve seu verdadeiro início no momento em que uma criança indígena, abandonada durante um ataque de bugres a uma colônia, é recolhida por um casal de alemães, recebendo o nome de Yara. Já mocinha, Yara escarnece do amor de seu jovem irmão de criação, o qual, desesperado, se suicida. Movida pelo remorso, foge ela de casa e, em lugar distante, às margens do rio Tibagi, encontra Rolf, garimpeiro

alemão, por quem se apaixona, sendo correspondida. Rolf, por sua vez, é responsável pela morte de um rival seu, na Alemanha, um rival que lhe roubara a sua noiva de nome Maia, e quando esta surge, também movida pelo sentimento de culpa, a tragédia é inevitável. Maia procura a morte, e seu pai, desejando vingar a filha, tenta eliminar o jovem, não o conseguindo, porém, porque Yara se atira de encontro a Rolf, protegendo-o e recebendo a bala assassina, destinada ao amado...

No final dos três atos, o público irrompe em ovações frenéticas e prolongadas, enquanto um mar de flores envolve os participantes — músicos, cantores, bailarinos, assim como o diretor da cena, Jorge Wucherpfennig, o diretor dos coros, Dr. João Poeck, a diretora dos bailados, Marion Annack-Zwetsch, os decoradores e iluminadores, Adolfo e Eva Trinks e, ainda, o grande Maestro e compositor Pèpi Prantl.

A 18 de janeiro o sucesso se repete no mesmo local e três meses depois, à 18 e 19 de abril, no Teatro Avenida da Capital paranaense, desta vez com participação de músicos e cantores curitibanos.

Para avaliarmos a impressão causada pela estréia mundial da "Yara", em janeiro de 1936, basta recordar os extensos comentários, assinados por "J" e inseridos nas colunas do "Kolonie-Zeitung", (Jornal da Colônia), apresentando trechos como este:

"Ninguém poderá nos levar a mal a pontinha de orgulho — mais do que uma pontinha: o grande orgulho e, sobretudo, a profunda alegria que sentimos nós, joinvillenses.

Por favor — temos motivos de sobra!

Cu por acaso nada significa, termos assistido à estréia mundial da primeira ópera teuto-brasileira? Aqui rimada, aqui musicada, aqui encenada, interpretada por artistas locais, cantada por coros locais, com a orquestra constituída de músicos locais. E isto nos foi dado assistir! Não de nos relevar este nosso orgulho, assim espero. Mas o que ninguém poderá nos subtrair, é a satisfação imensa que todos nós trazemos dentro da alma — todos nós que tivemos o privilégio de fruir, de viver o que nos trouxe a noite de 17 de janeiro. Não pretendo negar que meus olhos e meus ouvidos se achavam "subjugados" e que, por este motivo, não possuo nem capacidade, nem vocação para a crítica. Assim nada mais resta, senão expressar subjetivamente o que senti, e que posso comparar apenas à sensação que tive em Dresden, onde a música da "Salomé", regida por Strauss, de tal maneira me enlevou, que parecia estar imerso num longínquo país de sonhos..."

E mais adiante:

"Apesar das mudanças acentuadas de cadência, de tons, de frases — desde a simples canção popular até as dramaticíssimas fugas em tom menor — em instante algum se percebeu um vão, uma cesura inoportuna, uma passagem forçada. Toda a obra, até o seu último acorde, é de uma fluência absoluta. Um todo, uniforme. E só assim impressiona, porque assim o compositor o sentiu. Harmo-

nias sussurando, tilintando, borbulhando, ininterruptamente, subindo e descendo — sem jamais fatigar. Começa pelo “Leitmotiv” do destino, nos violoncelos, e não nos liberta mais. . .

Não foi um sucesso — foi um triunfo exultante, em toda a linha. A música da “Yara” é uma seqüência riquíssima de acordes, de infinitas ondulações, segura e uniformemente dirigida, da primeira até a última nota, interpretando toda a imensa escala da capacidade de sentimentos humanos.

O papel de Yara não poderia ser confiado a nenhuma intérprete melhor do que à esposa do autor, a qual conhecia cada uma das notas, desde o momento de sua criação, e cuja musicalidade muitas vezes já tivemos ocasião de admirar. . .”

Estávamos em 1936. A dois anos do início da campanha de Nacionalização no Brasil, decretada pelo Governo Getúlio Vargas e a três anos da eclosão da Segunda Grande Guerra na Europa. Nada impedia a apresentação de “Yara” em palcos de outros centros, aqui no Brasil e no Exterior. . .

Assim, resolveu o Maestro voltar à Europa, onde tinha deixado amigos e tencionava submeter as suas múltiplas composições — sobretudo a “Yara” — à apreciação dos órgãos competentes, a fim de conseguir a sua encenação nos centros culturais “do lado de lá”. Pois se eram tantas as promessas recebidas. . .

Antes, porém, presenteou Joinville com mais uma de suas obras imortais: A sinfonia em Dó Maior, em cinco movimentos, apresentada em estréia mundial por ocasião do grande concerto da nossa orquestra sinfônica, a 6 de novembro daquele mesmo ano de 1936. Participaram 15 músicos profissionais de Curitiba além do Professor L. Seyer, como regente da “Sinfonia Inacabada” de Schubert, do Dr. Hans Poeck, diretor do Conservatório de Curitiba e do Professor Alceu Bochino, que executaram ao piano, músicas de Carlos Gomes — números estes constantes da primeira parte do Programa da noite. E a 7 de novembro mais uma noite de gala: O elenco teatral da Sociedade Harmonia Lyra levou ao palco a peça em cinco atos de Shakespeare “As you like it” (Como quiser), com vários trechos musicados do Maestro Pepi Prantl.

E a 17 de abril de 1937, enfim, apresenta seu concerto de despedida como regente da orquestra Harmônia-Lyra. Constam do programa 17 músicas, todas de autoria de Pepi Prantl.

Mas, um ano mais tarde, os acontecimentos se precipitam, não só no Brasil, mas sobretudo na Europa. A Áustria, terra natal de Pepi Prantl, é unida à Alemanha, os prenúncios da catástrofe mundial se acentuam cada vez mais, e cada vez menos possibilidades há para a concretização do grande sonho do Maestro, relativo à encenação da “Yara” em palcos europeus, uma vez deflagrada a Guerra Mundial, em 1939. . .

Morava em Bludenz, na Áustria, onde organizava concertos e espetáculos teatrais e lecionava música, no conservatório da cidade, e jamais deixou de compor músicas, dos mais variados gêneros.

Os constantes desentendimentos no lar levaram o casal ao di-

vórcio e, além disso outro golpe veio atingir o Maestro: perdeu o único filho do primeiro matrimônio, já moço, que morreu afogado. Por outro lado, encontrou nova companheira, com a qual se casou, continuando a residir em Bludenz, até o seu falecimento, ocorrido a 25 de novembro de 1951, na idade de 56 anos, já que tinha nascido em 1896, na localidade de Schwaz, na região do Tirol.

Aqui em Joinville, a Harmonia-Lyra apresentou uma grandiosa "Noite de Arte" com música exclusiva do Maestro Pépi Prantl, a 24 de maio de 1952, em homenagem ao inconfundível artista, que tanto trabalhou pela cultura de Joinville, a cidade que fez sua e da qual levou saudades, profundas e imutáveis, conforme os dizeres de uma carta, assinada por Thussi-Anne Prantl, a segunda esposa do Maestro, endereçada a 3 de setembro de 1952, ao presidente da Sociedade Harmonia-Lyra. A carta tem o seguinte teor:

"Senhor Presidente.

Por intermédio da senhora Erica Schlemm eu soube que essa Sociedade organizou uma belíssima Noite de Arte, em homenagem ao meu falecido marido, em maio deste ano. Desejo lhe dizer o quanto lhe sou grata e quanta satisfação me proporcionou a notícia.

Gostaria de pedir a todos, que a memória de Pépi fosse conservada de maneira tão honrosa e tão amiga.

Pépi jamais esqueceu os seus amigos brasileiros. Sempre falava com orgulho e carinho da Harmonia-Lyra e do trabalho cultural conjunto, dos seus sucessos artísticos e da dedicação de todos os seus músicos amigos. O seu último, o seu mais profundo desejo teria sido, voltar para Joinville, onde viveu a sua fase mais feliz, como artista e músico.

Expressando-lhe os meus sinceros agradecimentos pela homenagem prestada ao Pépi, rogo-lhe, senhor Presidente, transmitir a todos os músicos da Harmonia-Lyra, a minha gratidão e as minhas mais cordiais saudações."

Cerrou-se o pano, depois dos últimos acordes magistrais da "Yara". Fez-se o silêncio, envolveu-se no esquecimento um tesouro ofertado ao Mundo, delegando ao ostracismo uma ópera — nada menos que uma ópera — genuína e legitimamente joinvillense...

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

O GRANDE PIONEIRO

Nos tempos idos já bem distantes, a 24 de junho, João Bauer e dona Maria Olinger Bauer, festejavam com muita pompa, esta grande efeméride, dele era sua data onomástica (S. João), dela dia de seu aniversário.

Eram muitos os convidados, em sua casa comercial e moradia, junto à ponte. Comida a valer, muitos doces, muita alegria, muita música, principalmente ao piano, muitos enfeites, e para a noite, lanternas belíssimas, iluminavam com vários cordões, que atravessavam a rua, a sua residência. No final acendia-se a grande fogueira junto à ponte, onde se juntava muito povo, e os netos recebiam foguetinhos, que era um divertimento agradável, bons tempos aqueles!...

Hoje dedico-lhe estas lindas, com amor e carinho, pois teve a coragem e tirocínio de colocar a primeira luz elétrica na cidade, cruzando os mares e indo buscar na Inglaterra os postes e material elétrico, que há poucos anos ainda serviam Brusque.

"Quando tudo em Brusque ainda eram trevas; quando apenas o luar e os vagalumes clareavam nossa cidade; quando as casas e ca-



CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

sébbres eram iluminados pelas fracas luzes das velas de cêra e das pé-
quenas e toscas lamparinas, houve um grande pioneiro que veio de
além do mar, da velha Europa, que pensou no progresso deste peda-
cinho de Terra; este homem chamava-se "João Bauer"!

Tal acontecimento realizou-se no dia 13 de novembro de 1913.
Assim dedico-lhe com prazer:

A CANÇÃO DE BRUSQUE

Oh Brusque!... que povo ordeiro,
Vindos do além do mar,
João Bauer um pioneiro,
Cidadão muito exemplar!

Indústrias foram montadas,
Por homens de larga visão,
Brusque ficou badalada,
Por esta grande nação!

Colocou luz na cidade,
No berço da fiação,
Renaux com capacidade,
Aproveitou a idéia de João...

Honremos os pioneiros,
Que tiveram forte ajuda,
Salve todos os romeiros,
De SENHORA DE AZAMBUJA!...

Ag primeiro tear manual,
Ligou-se a força motriz,
O progresso foi total,
E o operário bem feliz.

24/6/1985

Leopoldo Bauer
seu neto

Écos da construção da antiga ferrovia Blumenau-Rio do Sul

Carta do Dr. Nereu Ramos justificando sua posição

Traduzido do Jornal "DIE VOLKSZEITUNG" (O Jornal do Povo)

Edição de Sábado, 13 de dezembro de 1930

Nº. 67

Relativo ao nosso desenvolvimento, a esperança, tão cheia de
decepções e por muitos anos o pomo da discórdia na opinião pública,
lemos no jornal oficial "República" o seguinte protesto do chefe libe-
ral Dr. Nereu Ramos.

Frezado Sr. Redator da "República".
Peço publicar o seguinte artigo:

Como soube que, em Blumenau e Itajaí está sendo propagado,
para fins políticos, de que, eu seria o culpado peia não continuação
da construção da via férrea, venho tomar posição contra estes boa-
tos. Sendo um homem que assume a responsabilidade de seus atos,
declaro aqui para todos os fins o seguinte:

1) "Sou a favor e nunca fui contra a continuação da constru-
ção desta via férrea.

2) Declaro no entanto, que sou contra a continuação do tra-

balho, enquanto não chegar o novo diretor para examinar, no local a construção feita e dar o seu parecer.

3) Sou da opinião, que o Estado não deve continuar o trabalho desta ferrovia, sem antes examinar se o contrato está de acordo com o decreto 19.398 de 11 de novembro de 1930 e não contrário aos interesses e a moralidade administrativa da mesma.

4) Sou da opinião que o Estado não pode prosseguir em seu trabalho, enquanto o antigo contrato ainda estiver em vigor.

5) Depois que foi verificado que o citado contrato era contra os interesses públicos e contra a moral administrativa, este mesmo contrato deve ser anulado e o Estado por caminhos administrativos legais reiniciar os trabalhos mediante concorrência pública.

6) Justamente por ser muito grande meu interesse na continuação deste trabalho, declarei ao Coronel Oscar Barcelos no nosso primeiro encontro no Rio de Janeiro, que pretendia separar a política da administração da ferrovia e que no entanto não tinha nenhum candidato em vista para este cargo. Não tinha, não tenho e também não terei. Somente formulei um pedido, que era ser o intermediário do senhor José Müller a favor do senhor Pedro Guerreiro.

Estas são as expressões de meus pensamentos.

Muito obrigado
Nereu Ramos."

Mesmo que nós blumenauenses não tomamos conhecimento a respeito das intrigas feitas contra o senhor Dr. Nereu Ramos, aplaudimos no entanto sua livre opinião como chefe liberal, sobre este caso tão importante para nós. Nós nos aliamos a ele e aos seus pensamentos e o admiramos como administrador e homem público.

Felizmente o novo diretor reúne todos os requisitos que exige um momento tão delicado, imparcial e decidido, age energeticamente e que renova em nós a esperança de um rápido prosseguimento da obra, que para nós é tão importante.

Quando anteriormente o tempo de lesma era criticado, mais ainda foi criticado a construção febril dos últimos meses. Já que sua Excelência ordenou, que em determinado dia a locomotiva devia apitar em Rio do Sul. Realmente a máquina apitou, pois cegamente cumpria-se as ordens, sem considerações com os gastos e método racional de construção. Mas, até o transporte de passageiros muito trabalho ainda terá que ser feito.

Há pouco tempo foi publicado na imprensa uma notícia do Ministério da Viação, que uma importância de 10% sobre a soma destinada a ferrovia de Santa Catarina, tinha sido liberada para a construção do trecho Subida-Lontra e a mesma agora cancelada. Esta soma concedida seria de 2.000 contos, podemos assim concluir que cada 20 km custará a importância de 1.000 contos. Mesmo considerando que esta alta soma se refere a apólices, que já não tinham mais seu valor e que para sua confirmação, muito já ficou retido nos canais competentes, esta soma diverge acentuadamente do orçamento fornecido pelo anterior engenheiro — diretor Bloch."

— DIA 1º. — Em Pomerode, cumprindo o Calendário de Eventos de 1985, foi realizada a Festa de Abertura dos eventos de maio, com a realização de Prova Rústica, Passeio Ciclístico, com grande participação popular, comemorando o dia 1º. de maio.

=

— DIA 2 — Neste dia, a Fundação Educacional da Região de Blumenau — FURB — registrou a passagem dos seus 21 anos de fundação, constando em seu corpo docente com 400 professores e ainda cerca de 4 mil alunos matriculados nos diversos cursos.

=

— DIA 4 — Com a presença de numerosas pessoas, o prefeito Dalto dos Reis presidiu a solenidade de inauguração, às 16 horas, da nova ala da Escola Básica Municipal "Henrique Alfarth", localizada na rua Rui Barbosa, bairro Progresso, Garcia. A escola passou a contar então com 8 salas para os 452 alunos nela matriculados. Neste melhoramento, a prefeitura investiu 50 milhões de cruzeiros.

=

— DIA 4 — Em cumprimento ao calendário oficial, realizou-se em Pomerode, a Festa e o Baile do Rei do Tiro na Sociedade Caça e Tiro Testo Central.

=

— DIA 6 — A Prefeitura, através da Secretaria de Saúde e a Legião Brasileira de Assistência, assinaram um convênio referente a uma verba de 250 milhões, cujo dinheiro será aplicado nos 29 centros sociais da Prefeitura, setores de creche e recreação, beneficiando cinco mil pessoas na área de educação e alimentação.

=

— DIA 7 — Com uma simples solenidade, foi inaugurado o refeitório da Prefeitura Municipal, destinado aos servidores do município. O refeitório inaugurado tem condições de atender a 150 funcionários, que pagarão 2.800 cruzeiros por refeição.

=

— DIA 8 — Ainda em regozijo pela passagem dos 21 anos de sua Fundação, a FURB promoveu no Saguão de sua sede, a solenidade de abertura de exposição de pintura de Doval e Luis Si, assim como o lançamento do livro "Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional", da autora Beatriz Pellizzetti. O acontecimento foi abrilhantado com a apresentação do coral da FURB sob a direção do Maestro Frank Graf.

=

— DIA 9 — Em conseqüência de um violento temporal, seguido da queda de granizo, ocorrido em Blumenau, diversas casas tiveram telhados arrancados. A maior incidência ocorreu no Bairro Garcia, aonde maior número de casas sofreram prejuízos.

=

— DIA 12 — Vitimado por um desastre automobilístico, faleceu tragicamente o advogado blumenauense Ivan Klaus Guenther, fi-

gura muito estimada e relacionada na comunidade local. Seu sepultamento deu-se no dia seguinte, dia 13, com grande acompanhamento, que refletiu exatamente o conceito que Ivam e seus familiares desfrutaram na sociedade de Blumenau e no Estado.

=

— DIA 14 — Um violento incêndio seguido de grandes explosões, ocorreu na estação de rebaixamento das Centrais Elétricas de Santa Catarina, localizada no bairro Garcia. Com o sinistro, diversas subestações de rebaixamento foram paralisadas, ficando a indústria e a população em geral sem energia durante cerca de 20 horas, inclusive parte da população de Gaspar.

=

— DIA 14 — Segundo relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis pela Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social foram feitos mais de 4 mil atendimentos a 1.719 pessoas, na semana da Prevenção da Cárie, no mês de abril.

=

— DIA 14 — No Auditório da Reitoria da UFSC, foi realizada a solenidade de abertura do I Simpósio de Cultura e Imigração Italiana, com a participação ainda do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.

=

— DIA 15 — A Secretaria de Agricultura de Blumenau iniciou o plantio de aproximadamente 10 mil árvores ao longo da rua Itajaí. Este plantio faz parte do projeto Verde, anunciado pelo prefeito Dalto dos Reis há pouco e que destina-se a arborizar a cidade, embelezando-a e tornando-a mais saudável.

=

— DIA 19 — O prefeito Dalto dos Reis inaugurou às 15 horas, as novas dependências da Escola Básica Municipal "Leoberto Leal", localizada no bairro de Salto do Norte. Nas novas dependências daquele estabelecimento de ensino, foi construída uma sala para professores e ampliada a cozinha e o almoxarifado. A obra, de 200 metros quadrados, custou 40 milhões de cruzeiros.

=

— DIA 25 — Às 15 horas, o prefeito Dalto dos Reis presidiu a solenidade de inauguração das novas dependências da Escola Básica Municipal "Adelaide Starke", localizada na rua São Bernardo, bairro Itoupava Norte. São mais três salas de aula, construídas numa área de 264 m², com o custo de 50 milhões de cruzeiros.

=

— DIA 31 — Com a presença de autoridades, inclusive o prefeito Dalto dos Reis, realizou-se a solenidade de abertura do I Seminário Regional da Escola de Pais do Brasil, que teve por local o Ginásio de Esportes do Colégio Santo Antônio.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

B L U M E N A U

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

O atraso econômico da Alemanha, no século XIX, tem suas raízes nas conseqüências desastrosas da Guerra dos Trinta Anos (séc. XVII), das quais o país não se conseguiria recuperar nos dois séculos seguintes. A pior destas conseqüências, do ponto de vista mediato, foi a desunião política. Num período em que o capitalismo comercial se consolida na Inglaterra e na França, em função do mercado nacional que se unifica e articula à base da unidade nacional e do centralismo político, a Alemanha permanece retalhada em numerosos reinos, principados, ducados, etc., independentes e fracos demais para se integrar no caudal do desenvolvimento. A Revolução Industrial, vitoriosa na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, mal tocou a Alemanha. O Tratado de Viena, que, em 1815, pôs termo às guerras napoleônicas, manteve a divisão da Alemanha em dezenas de "países" independentes, com dois pólos de atração: a Prússia, ao Norte, e o Império Austro-húngaro, ao Sul.

A unidade nacional era a condição *sine qua non* do desenvolvimento. Em 1848, a burguesia alemã tentou alcançá-la revolucionariamente, mas fracassou. Ela só seria realizada na sétima década do século, com a hegemonia da Prússia, imposta por Bismarck, o "chanceler de ferro". A industrialização da Alemanha se inicia por esta época (1865-70) e se acentua nas décadas seguintes. Em três decênios a Alemanha recuperou um atraso de três séculos. No alvorecer do século XX, surge a Alemanha como uma das principais potências industriais do mundo.

A Revolução Industrial se deu na Alemanha com atraso, mas com redobrada intensidade. As ondas imigratórias de antes de 1880 foram fruto da ausência de desenvolvimento. Emigravam filhos de camponeses, cujas propriedades tinham atingido a condição de minifúndio, e não poderiam mais ser divididas; artesãos, incapazes de encontrar ocupação nos estreitos mercados locais, etc.

Com o desenvolvimento da grande indústria no último quartel do século, o novo modo de produção fez surgir um excedente populacional diferente: artesãos e trabalhadores da indústria doméstica arruinados pela concorrência das grandes empresas; proletários lançados ao desemprego pelas crises de conjuntura; camponeses tornados redundantes pela revolução agrícola.

Embora a emigração alemã da fase 1800-1880 (como a de outros países europeus) tenha sido causada, em última análise, pela ausência de desenvolvimento capitalista, ela indubitavelmente se realizou, num mundo que se estava tornando cada vez mais capitalista e no qual se ia constituindo um mercado internacional de trabalho. A oferta de mão-de-obra, provinda das áreas do Velho Mundo pouco ou

nada atingidas pela Revolução Industrial, correspondia uma procura de mão-de-obra por parte de países do Novo Mundo, possuidores de recursos naturais e que necessitavam de braços para explorá-los. A transferência de capital do centro do mundo capitalista à sua periferia precisava ser acompanhada de mão-de-obra, para fecundar este capital e permitir que ele se multiplicasse. Inevitavelmente, esta transferência maciça de mão-de-obra européia às Américas tinha que acabar se transformando num negócio lucrativo.

Deste negócio participavam companhias de transporte marítimo, recrutadores de imigrantes e companhias de colonização. Embora os três agissem, geralmente, associados, interessam-nos sobretudo as companhias de colonização, pois Blumenau nasceu precisamente de um empreendimento colonial desta espécie.

A companhia de colonização, geralmente uma sociedade anônima constituída no país de emigração, começava por tentar obter um contrato de colonização do governo de um país de imigração. Por este contrato a companhia se obrigava a introduzir, no país, um certo número de imigrantes em determinado período de tempo, e a instalar os serviços públicos necessários ao seu estabelecimento na terra, tais como transporte, demarcação de terras, saúde, educação, etc. Em contrapartida o governo do país interessado na colonização concedia uma área de terra à companhia e a subvencionava, pagando-lhe certa quantia por imigrante, por quilômetro de estradas construído, etc. A companhia empregava agentes recrutadores e fazia acordos com empresas de transportes. Ela investia capital nas obras iniciais de colonização — exploração da área, demarcação de terra, transporte dos colonos, construção dos primeiros edifícios, etc. — cedia aos "pioneiros" ou gratuitamente ou pelo preço do custo destes serviços iniciais. A companhia também encarregava da administração da colônia. Na medida em que esta progredia, tornava-se mais fácil atrair colonos para ela e a terra se valorisava. Com a venda de terras por preços cada vez mais elevados, a companhia recuperava o capital investido e obtinha lucros sobre o mesmo.

Vê-se pois, que se tratava de um investimento a longo prazo e sujeito a riscos ponderáveis. Entre os investimentos iniciais e a alienação de terras com lucros decorriam várias décadas. Além disso havia numerosas possibilidades do empreendimento fracassar: os primeiros colonos podiam sucumbir a doenças tropicais ou ser vítimas de ataques de aborígenes; as dificuldades iniciais podiam induzir os colonos a abandonar a empresa, procurando melhores oportunidades em colônias mais antigas e sólidas, ou nas cidades, ou ainda voltando ao país de origem. Evidentemente, face ao longo período de espera e aos numerosos riscos de perda total, é de se presumir que os lucros esperados deveriam ser bastante elevados.

(Continua no prox. número)

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA